

Finalista dos Goodreads Choice Awards

• MELHOR ROMANCE HISTÓRICO •

# A BIBLIOTECA DOS AMANTES DE LIVROS

AUTORA BESTSELLER DE

UMA ESPIA AMERICANA EM LISBOA

MADELINE MARTIN

TOP  
SEL  
LER

Às minhas filhas,

Obrigada por terem feito de mim uma mãe; é deveras a maior e mais bela dádiva. Guardarei para sempre as memórias que criámos e continuamos a criar, desde as noites de diversão em família às piadas internas e, claro, às carinhas de pequeno-almoço.

## PRÓLOGO

*Nottingham, Inglaterra*

*Abril de 1931*

Só mais um capítulo. Emma encontrava-se na área de armazenamento do segundo andar da livraria do pai, a Tower Bookshop, com *Emma*, de Jane Austen, no colo. Infelizmente, não era sua homónima. Os pais tinham-lhe dado o nome de Emmaline em homenagem a uma tia que nunca conhecera e que morrera no sétimo aniversário de Emma, há dez anos.

Ainda assim, era um dos seus livros prediletos.

— Emma. — A voz do papá surgiu de algures na livraria, aguda de irritação.

Ela franziu o sobrolho. O papá raramente se zangava com ela.

Talvez o fumo do homem que tinha entrado há pouco com o seu charuto ainda permanecesse na livraria.

Enfiou um pedaço de papel na lombada do livro.

— Emmaline! — Algo naquele segundo grito lhe chamou a atenção, um tom áspero e frenético.

O papá nunca entrava em pânico.

Ela saltou da cadeira com tanta pressa, que o livro caiu no chão com um estrondo.

— Estou no armazém — gritou, correndo para a porta.

A maçaneta estava a esquentar. Deu um grito e recuou. Foi então que viu o fumo que se infiltrava por baixo da porta e brilhava à luz do sol. Fogo.

Embrulhou a mão na saia e rodou a maçaneta para abrir a porta. No ar, espessas nuvens de fumo dançavam, negras e sufocantes.

Arquejou com o susto, enchendo involuntariamente os pulmões de ar ardente. O ataque de tosse subsequente fê-la cambalear para trás, com a mente às voltas enquanto os pés a afastavam da ameaça.

Mas para onde? Esta era a única saída do armazém, exceto a janela do segundo andar.

— Papá! — gritou ela, com o terror a invadir-lhe a voz.

De repente, ali estava ele, enrolando um cobertor à volta de ambos, aquele que ela guardava na loja para as manhãs frias, para antes de a fornalha ter tempo de aquecer o velho edifício.

— Não te afastes de mim. — A voz do papá era séria, abafada pelo cobertor que lhe cobria a parte inferior do rosto. Mesmo enquanto ele a levava, uma grande tosse fazia estremecer a sua magra estrutura.

Para lá da parede de fumo, encontraram uma visão saída diretamente do *Paraíso Perdido* de Milton: o fogo lambia e trepava pelas imensas pilhas de livros, devorando uma vida inteira de cuidadosa preservação. Emma gritou, mas o som foi abafado pelo cobertor.

Mas a mão do papá estava firme nas suas costas, pressionando-a para a frente.

— Temos de nos despachar. — Sem abrandar, guiou-a para a sinuosa escadaria de metal. Em miúda, ela adorava descer por ali, ouvindo o metal a ressoar à sua volta. — Está quente — advertiu o papá. — Não ponhas aí as mãos.

Emma abraçou-se a ele enquanto desciam os degraus estreitos onde mal cabiam os dois. As escadas balançavam sob o seu peso, já não eram tão robustas como outrora. O calor abrasador parecia estar a fazer bolhas na pele de Emma. Demasiado quente. Demasiado perto. Demasiado.

E estavam a mergulhar cada vez mais nas profundezas abrasadoras.

As solas de borracha dos sapatos de Emma derreteram-se sobre o metal aquecido e ficaram presas nos dois últimos degraus.

O que antes eram filas de estantes de livros, era agora um labirinto de chamas. Até o papá hesitou perante o fogo que aparentava ser intransponível.

Mas não havia mais nenhum sítio para onde ir.

O fogo parecia estar cheio de vida. Rangia e estalava e assobiava e rugia, rugia, *rugia* tão alto que soava como uma verdadeira fera.

— Vai — gritou ele, e agarrou-a com mais força, puxando-a para a frente.

Juntos, correram por entre as colunas de fogo que há uns minutos tinham sido prateleiras de livros. Um estalido ensurdecedor vindo de cima incitou-os a avançar ainda mais rapidamente, para escaparem ao fogo e às faíscas que choviam atrás deles.

Emma correu mais depressa do que alguma vez tinha corrido, mais depressa do que se julgava capaz. O braço do papá puxava-a para um lado e para o outro, navegando pelo caos ardente. Até não haver sítio para onde ir.

Com um rugido que se sobrepôs à besta de fogo, o papá soltou-a e correu em direção à porta em chamas, que se abriu com o impacto, revelando a luz do dia limpa e soalheira do lado de fora. Virou-se para a filha, mesmo quando esta se precipitava para ele, e, agarrando-a pelos ombros, arrastou-a para a rua.

Emma sorveu o ar puro, deleitando-se com a humidade fresca que lhe inundou os pulmões torturados. Tinha-se reunido uma multidão, que olhava para a Tower Bookshop. Algumas pessoas aproximaram-se de Emma e do papá, perguntando se estavam feridos num frenesim de vozes.

Ao longe, ouviu-se o grito das sirenes de emergência. Sirenes que Emma ouvira toda a sua vida, mas de que nunca precisara.

Agora precisava. Agarrou-se à mão do papá e olhou para trás, para o edifício que pertencia à família deles há duas gerações e que um dia viria a ser seu. O olhar dela percorreu a livraria até aos dois andares superiores, onde outrora tinha sido a sua casa.

A besta de fogo soltou um grande uivo e o último andar desmoronou-se.



Alguém a agarrou pelas costas e a arrastou para trás enquanto o resto da estrutura caía, arrancando-a da mão do pai. Não voltou a estendê-la para ele, incapaz de se mexer, incapaz de pensar, com os olhos fixos no edifício enquanto este se despenhava sobre si próprio num monte de fogo. O seu meio de subsistência. A sua casa.

Todas as fotografias da mãe, que tinha morrido depois de Emma ter nascido, todos os livros que ela e o pai tinham escolhido com carinho nas livrarias de Inglaterra, nas viagens que faziam juntos, tudo o que tinham.

Desaparecera.

Emma engasgou-se com um soluço ao aperceber-se disso.

Tudo tinha desaparecido.

— Precisamos de um médico. — A voz de um homem despertou-a do seu horror, chamando-lhe a atenção para o pai.

Ele estava deitado no chão, imóvel. O rosto esguio e bonito estava coberto de fuligem, e o espesso cabelo grisalho, que outrora fora do mesmo tom de castanho que o dela, estava agora chamuscado em tufo negros.

— Papá? — Deixou-se cair no chão ao lado dele.

Os seus olhos ergueram-se na direção da filha, de um azul aguado e cheios de um amor que lhe enchia o coração. A respiração saía-lhe do peito como o lamento de uma chaleira.

— Estás a salvo.

Assim que as palavras lhe saíram da boca, o corpo relaxou e ficou mole.

— Papá? — gritou Emma.

Desta vez, os seus olhos não se pousaram nos dela. Atravessaram-na. Cegos e vazios.

Ela estremeceu ante a visão tão pouco natural. Parecia-se com o seu pai, mas não se parecia com o seu pai.

— Papá?

As sirenes ainda estavam muito longe.

— Eu sou médico. — Um homem ajoelhou-se do outro lado do pai. Colocou os dedos no pescoço enegrecido do papá e ergueu os olhos castanhos e tristes na direção dela. — Sinto muito, querida. Ele faleceu.

Emma olhou fixamente para o homem, recusando-se a acreditar no que ouvia, mesmo estando cara a cara com a verdade.

Sempre tinham sido apenas Emma e o pai, os dois contra o mundo, como o papá costumava dizer. Liam os mesmos livros para os discutirem juntos, trabalhavam todos os dias na livraria juntos, eram amigos e colegas tanto quanto pai e filha. Depois de Emma terminar os estudos, passou a viajar com ele, fazendo a curadoria de livros, como as primeiras edições que ainda estavam à espera que chegassem de Newcastle.

Agora, aquela luz bonita que brilhava nos seus olhos tinha-se apagado. Estava sem vida.

Já não era ela e o papá contra o mundo.

Ele tinha partido.

A livraria deles já não existia.

A casa deles já não existia.

Tudo o que ela conhecia e amava tinha desaparecido.

*Nottingham, Inglaterra*  
*Agosto de 1939*

**E**mma Taylor abraçou o exemplar da primeira edição de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e desceu a Pelham Street com determinação, chegando finalmente à loja de penhores.

Era um dos cinco livros preciosos que chegaram de Newcastle um mês após a morte do pai.

Desde então, tinham decorrido oito anos. Pouco depois de a livraria ter ardido, um jovem cavalheiro do escritório de advocacia do pai, Arthur, tinha-a acolhido sob a sua alçada. Ela deixou-se arrastar, atraída por Arthur graças à solidão e à dor.

O casamento chegou rápido, demasiado cedo para perceberem que não eram compatíveis, ambos sendo demasiado jovens. Demasiado diferentes. Houve brigas, lágrimas, expectativas que eram impossíveis de cumprir. E depois de cederem à pressão que os rodeava, houve um bebé. Olivia nascera com os olhos azuis profundos de Emma e as ondas castanhas de Arthur. Linda, feliz e perfeita.

Mas estavam todos equivocados. Uma criança não tinha resolvido os seus problemas, somente os havia piorado. E quando Arthur não voltou para casa uma noite, há cinco anos, Emma presumiu que ele



tinha voltado a ir a um *pub*. E tinha, mas, aparentemente, ao regressar a casa, saiu para a rua e foi atropelado por um carro.

Em todos os seus anos a ser criada por um pai solteiro, Emma nunca previra que também ela viria a ser mãe solteira.

Parou e olhou para o letreiro com três bolas douradas que anunciava a casa de penhores Pelham Pawnbroker. A sua coragem vacilou.

A renda do pequeno apartamento em Radford estava a vencer e Olivia precisava de um novo par de sapatos para o início das aulas no mês seguinte. Já tinha usado os sapatos do ano passado durante demasiado tempo. Sem dúvida que apertavam, embora ela só tivesse mencionado o desconforto uma vez.

Ver a facilidade com que a filha se adaptava a uma vida com tão pouco dinheiro fazia com que Emma sentisse um aperto no peito.

*É só um livro, Emma.*

Resolvida, empurrou a porta. Um tilintar de sinos soou alegremente por cima, e ela não pôde deixar de imaginar quantas pessoas à beira do desespero financeiro tinham sido sujeitas àquele tilintar zombeteiro e alegre.

O homem de pé atrás do balcão deitava um olhar guloso ao pacote que ela tinha nas mãos antes de se virar para o seu rosto.

— Posso ajudá-la?

A variedade de artigos por baixo do balcão de vidro provocava-a, tesouros vendidos a baixo preço sob a pressão do tempo e da necessidade. Entre as pedras preciosas cintilantes, havia várias alianças em ouro maciço. Uma delas era sua, vendida ainda quente do anelar esquerdo, havia apenas seis meses. Foi substituída por uma sem valor, algo para a manter respeitável aos olhos da sociedade.

O dinheiro tinha-se esgotado rapidamente.

— Está interessada em comprar? — perguntou o homem, voltando a concentrar-se no livro que ela tinha nos braços. — Ou vender?

Uma das prateleiras atrás dele exibia um par de pequenos sapatos de couro, não muito diferente do que Olivia precisava.

— Vender. — A palavra prendeu-se-lhe ligeiramente na garganta. Com as mãos a tremer, pousou o livro no balcão e, delicadamente, com reverência até, retirou o papel de embrulho.

O entusiasmo brilhou nos olhos do penhorista, antes de se apagar com um desinteresse ensaiado.

— Que edição é esta? — perguntou ele, como se não soubesse.

Emma fitou a capa vermelha, lembrando-se de como a lombada gravada a ouro se destacava entre uma fila de livros antigos na livraria em Newcastle, e de como o pai lhe pegara, como sendo um prêmio tão maravilhoso quanto precioso. Perfeito para a coleção deles.

— Primeira edição.

— Bem. — O homem pegou no livro e tudo em Emma lhe ordenava que o recuperasse, o apertasse contra o peito e corresse para casa.

Mas isso não iria manter a eletricidade ligada, ou pôr comida na despensa, ou mantê-las na casa decente que tinham conseguido encontrar por uma renda tão acessível.

*É apenas um livro, Emma.*

Mas não era apenas um livro. Era parte do legado do seu pai, uma das poucas peças que restavam e que não tinham sido queimadas pelo fogo.

O homem examinou o livro com cuidado. Estava imaculado, excetuando uma amolgadela na parte de baixo da capa, em relação à qual ele fez questão de emitir um som de desaprovação.

— Gostava de poder dizer que os meus clientes apreciam as primeiras edições — murmurou ele, com simpatia. — Não estão dispostos a pagar o que vale e eu ainda *tenho* de sobreviver.

Depois de uma ronda de regateio, Emma saiu da loja alguns minutos depois com um quarto da quantia que tinha previsto. As notas iniciais de uma dor de cabeça martelavam-lhe nas têmporas. Ela esperava que o dinheiro da venda cobrisse as despesas durante, pelo menos, vários meses. No máximo, isto daria para três, talvez quatro.

E depois?

Andou alguns metros e parou, encostando-se à parede de tijolo enquanto tentava recuperar o fôlego, ignorando a vertigem de ansiedade.

A sua pensão de viuvez era de dez xelins por semana, juntamente com o apoio governamental de Olivia, de cinco xelins. Embora fossem

só as duas e vivessem o mais frugalmente possível, quinze xelins desapareciam depressa.

A dor que tinha nas têmporas atingiu-a no fundo dos olhos. Um gemido ressoou-lhe na garganta quando se lembrou de que as aspirinas tinham acabado há vários dias.

Mais dinheiro para gastar.

A mísera quantia que tinha na bolsa já começava a ficar mais leve.

Pelo menos, estava perto da farmácia. Afastou-se da parede e dirigiu-se para a Boots, a grande farmácia que ocupava uma esquina inteira da Pelham Street. As letras pintadas à mão sobre as grandes janelas de vidro eram elegantes, exibindo produtos que nunca poderia comprar. Entrou pela porta do canto, mesmo por baixo do relógio ornamentado, e passou por várias mercadorias nas suas caixas brilhantes.

Havia uma variedade de artigos expostos, desde termómetros e medicamentos a frascos de perfume, artigos de escritório e malas de mão. Ignorou tudo e pegou num frasco de aspirina, abandonando-o e ouvindo os pequenos comprimidos a chocalhar.

A mulher da caixa registadora arqueou as sobrancelhas finas.

— É tudo? — Antes que Emma pudesse responder, prosseguiu, mexendo os ombros com entusiasmo. — O Departamento de Acessórios está a fazer uma promoção de malas de mão, só hoje.

Emma enfiou a sua atrás do balcão para a mulher não ver o estado lastimável em que se encontrava. Os cantos, outrora bem definidos, estavam ligeiramente amolgados, e a mala mais se assemelhava a um saco de papel descartado.

— É tudo, por agora, mas obrigada.

Um trovão ribombou e a jovem sobressaltou-se.

— Vem aí uma tempestade e peras.

Era uma tempestade na qual Emma podia estar prestes a entrar. Afinal, estava apenas a uma dúzia de quarteirões de casa, e se fosse a pé pouparia o preço do bilhete de autocarro. Se se apressasse, talvez conseguisse...

Um relâmpago rasgou o céu, imediatamente seguido por uma chuva torrencial que caía a potes.

— Talvez um chazinho? — sugeriu a vendedora, avaliando a chuva que batia nas janelas. — O café fica no andar de cima, ao lado da Biblioteca dos Amantes de Livros.

Um chá era mais dinheiro que Emma não precisava de gastar. No entanto, desgastar o que lhe restava dos sapatos numa carga de água sair-lhe-ia muito mais caro. Mesmo correr para o autocarro de pouco serviria por esta altura. Pelo menos, Olivia veria a tempestade e saberia por que razão Emma estava atrasada.

Não havia nada mais a fazer senão esperar. E, ao menos, uma chávena de chá significava que Emma poderia tomar a aspirina e receber alívio o mais cedo possível.

Subiu as escadas e virou-se para o café em frente à exclusiva biblioteca, enquanto inalava o aroma reconfortante dos scones acabados de fazer e o cheiro a terra e especiarias do chá. O seu estômago roncou de desejo.

Assim que se sentou, um empregado aproximou-se e anotou o pedido dela: uma única chávena de chá. Assim que arrefeceu o suficiente, retirou três comprimidos de 325mg do frasco e engoliu o remédio amargo de uma só vez.

O chá era divinal, forte e revigorante, com um pouco de leite e açúcar.

Ela recostou-se, observando a azáfama em que se encontrava o café à medida que as mesas se enchiam de clientes ansiosos, aguardando que a chuva passasse.

Durante o breve período em que estivera casada com Arthur, a sua vida assemelhara-se a isto, desfrutando do rendimento que obtinha sendo esposa de um advogado. Sentava-se a mesas com toalhas frescas e porcelana fina, sem pensar no preço de uma chávena de chá. Ou sequer no de um scone.

Mas o dinheiro não comprava felicidade. Ela sabia-o muito bem.

Podia não ter muito dinheiro na caixa que ficava no seu guarda-roupa, mas tinha a fonte de alegria mais pura de sempre. Tinha Olivia.

Ao sentar-se, Emma sentiu um aroma familiar no ar já de si perfumado de chá e scones. Era a fragrância do papel e da tinta, dos livros.

O seu olhar voltou-se involuntariamente na direção da entrada opulenta da Biblioteca dos Amantes de Livros, a poucos passos do café, onde os vitrais davam as boas-vindas à luz colorida que salpicava as filas e filas de lombadas. A biblioteca era tão importante para a Boots como os expositores de vidro repletos de bolsas caras e maquilhagem que ficavam no andar de baixo. Ser-se subscritor era também proibitivamente caro.

Emma inspirou com dificuldade.

Os livros haviam sido, em tempos, um grande conforto para ela, ajudando-a a ultrapassar os momentos árduos da vida, bem como as dificuldades de uma infância sem mãe. O pai e o amor que partilhavam pela literatura estavam tão intimamente ligados que era impossível imaginar um sem o outro.

Lá fora, a chuva tinha passado a um chuvisco suportável. Bebeu o último gole do chá, desesperada por fugir antes que as memórias fizessem dela morada.

A dor de cabeça começava a diminuir e o seu ânimo estava um tanto revigorado graças ao chá. Emma levantou-se e arrumou a cadeira, empurrando-a com a anca para debaixo da mesa, quando uma voz de mulher soou de uma porta aberta a alguns metros de distância.

— Acabou de completar a sua formação.

— Eu sei, e lamento imenso — respondeu outra voz feminina, mais jovem e num tom quase suplicante. — O Tommy disse que, com a última guerra, os pais dele quase não se casaram por falta de um pastor. Temos de casar antes de a guerra começar, para o podermos fazer como queremos.

Houve uma pausa.

— Compreendo — disse a mulher mais velha, resignada. — Felicitações pelas vossas núpcias.

— Obrigada, menina Bainbridge.

A porta abriu-se na totalidade e uma ruiva bonita saiu da sala, vestindo o avental verde da biblioteca atado por cima do vestido e animada face ao seu otimismo juvenil e à promessa de um futuro brilhante.

Ambas sendo coisas que tinham faltado a Emma antes do seu próprio casamento, há tantos anos.

A mulher mais velha que saiu do escritório tinha os pés bem assentes no chão e uma linha de preocupação gravada na testa. O seu cabelo era mais grisalho do que preto, penteado para longe da expressão austera.

Retesou-se quando viu Emma.

— Lamento que tenha ouvido aquilo. Não me apercebi de que a porta não estava fechada.

— Não precisa de se preocupar. — Emma ergueu os ombros. — Porém, presumo que isto signifique que têm uma vaga em aberto?

A pergunta pairou no ar o tempo suficiente para a fazer reprimir a vontade de se contorcer.

— Talvez — respondeu a mulher mais velha, com cautela. A menina Bainbridge, como a jovem noiva lhe tinha chamado. — Está à procura de emprego?

*Se ela estava à procura de emprego?*

A pergunta seria desdenhosamente engraçada, se não fosse tão séria.

Emma andava a tentar ser contratada há quase dois anos. Foi por essa altura que a caixa de dinheiro atingiu um nível afitivo de leveza. A certo ponto, a combinação das heranças do pai e de Arthur tinha parecido um dinheirão. No entanto, após cinco anos de despesas de subsistência, a fortuna tornara-se em pouco mais do que no bote salvavidas de um sem-abrigo, e era um bote que se afundava com rapidez.

A barreira matrimonial impedia as esposas de permanecerem empregadas ou de procurarem emprego. Não era suposto estender-se às viúvas. A não ser, claro, que houvesse uma criança envolvida.

As lojas respeitáveis não a contratariam. O facto de ser mãe solteira tornava-a num risco demasiado grande.

Tinha-se candidatado a todo o lado, incluindo fábricas, que normalmente eram menos exigentes com estas coisas, mas mesmo aí tinha sido rejeitada. A indústria contratava raparigas acabadas de sair da escola aos 14 anos, com mãos rápidas e olhos jovens e brilhantes. Uma mulher com mais de 20 anos, sem formação, não valia o esforço. Aos 25 anos, Emma já era demasiado velha para começar um trabalho numa fábrica, apesar da sua aparência jovem.



— Estou de facto à procura de emprego. — Emma meteu a mão esquerda no bolso e retirou o anel de estanho barato.

A mulher observou-a durante um longo momento.

— Muito bem. Se tiver tempo, entre no meu gabinete, e eu faço a entrevista neste preciso momento. — Ela hesitou. — Menina...

Emma não pensou duas vezes ao retirar o *Sra.* do seu nome.

— Menina Taylor.

**E**mma escutou a menina Bainbridge com paciência enquanto esta lhe explicava, ao mais ínfimo detalhe, os deveres que advinham do trabalho de uma funcionária da Biblioteca dos Amantes de Livros. Enquanto começava a sua formação de bibliotecária, as tarefas incluíam limpar o pó dos livros e encerar os corrimões, até que acabaria por estar na sala a ajudar os clientes.

— Terá de recomendar livros, principalmente aos nossos subscritores da Classe A — acrescentou a menina Bainbridge. — Embora a Classe B possa receber uma sugestão de vez em quando, os nossos subscritores da Classe A pagam muito mais pelo prazer de ter uma lista de livros que lhes são pessoalmente recomendados. — Cruzou as mãos sobre a pilha de papéis à sua frente. — Parece-lhe algo que possa fazer?

— Sim — respondeu Emma, com seriedade. — Eu costumava trabalhar numa livraria. Na Tower Bookshop, em Beeston. — Uma dor familiar agita-se dentro de si sempre que fala da livraria do pai, mesmo após todos estes anos.

— Tower Bookshop? — Uma expressão inescrutável passou pelo rosto da mulher, mas logo se desvaneceu. — Isso já não existe há... o quê? Cinco anos?

— Oito. — Apesar de, por vezes, parecer ter sido ontem, por outras, era como se pertencesse a uma vida que não a dela.

— Então não é tão jovem quanto eu pensava. — A menina Bainbridge tamborilou com o dedo na secretária, pensativa.

Emma já o esperava. Tinha um rosto jovem como o da mãe, realçado pelos grandes olhos azuis do pai. Um homem que a entrevistara na fábrica de meias aconselhou-a a retirar alguns anos de idade na sua próxima entrevista e garantiu que ninguém perceberia.

Exceto que Emma detestava mentir.

A menina Bainbridge inclinou a cabeça.

— Porque é que não se casou?

Havia uma franqueza na menina Bainbridge que Emma apreciava. Ela nunca tinha entendido as mulheres que usavam subterfúgios para fugir ao que pretendiam dizer.

Emma apertou as mãos sobre o colo e forçou-se a pensar em Olivia, que aguardava o seu regresso ao apartamento com ânsia. O espaço arrendado era pequeno, mas oferecia uma casa de banho privativa e uma área de estar, bem como uma cozinha acolhedora, com espaço suficiente para uma mesa e algumas cadeiras.

Se Emma não arranjasse um emprego em breve, não teriam dinheiro suficiente para se manterem ali.

Ainda assim, a sua língua não se esforçava por dizer a mentira.

— Eu era casada — confessou ela, ao soltar a respiração. — Sou viúva.

A menina Bainbridge assentiu.

— Estou a ver.

Emma engoliu em seco.

— E sou mãe. — O rosto da menina Bainbridge abateu-se e o zumbido entusiasmado no ar desvaneceu-se. — Tenho experiência suficiente para o cargo — apressou-se Emma. — Mais do que suficiente. O meu pai era dono da Tower Bookshop. Fui criada nessa livraria e lá fiquei até arder.

A menina Bainbridge endireitou-se.

— O Sr. Williams era o seu pai?

— Sim. Casei-me um ano depois do incêndio e tive uma menina. Mas o meu marido foi atropelado por um carro, deixando-me sozinha com a Olivia, a minha filha. Já tentei encontrar emprego em todo o

lado, mas ninguém contrata uma viúva com uma criança. Ninguém além das fábricas, mas para essas sou demasiado velha...

O arrependimento já marcava lugar nos olhos cinzentos da menina Bainbridge, uma rejeição preliminar à beira de lhe sair da boca.

— Por favor. — Emma sentou-se para a frente no seu lugar. — Eu percebo de livros.

— Menina Taylor. — A menina Bainbridge fechou os olhos e corrigiu: — Sra. Taylor, deve entender que, por ter uma criança...

— Uma filha — corrigiu Emma, não gostando do anonimato da palavra *criança*. Olivia era muito mais do que uma mera criança. Era todo o coração de Emma.

A menina Bainbridge permaneceu silenciosa e pensativa por um momento. As finas linhas da testa dela eram mais pronunciadas do que as dos cantos dos olhos, o que dizia muito sobre a forma como a mulher via o mundo.

— O seu pai era um bom homem. O que lhe aconteceu a ele, a si, foi uma pena.

*Uma pena.*

Palavras insuficientes para descrever o dia mais devastador da vida de Emma. Ela olhou para baixo, concentrando-se no pequeno calo oval sob o dedo anelar nu e na ligeira faixa de pele descolorida devido ao uso do anel barato.

— Se me recomendasse um livro, o que sugeria?

Emma olhou para cima.

A menina Bainbridge recostou-se e a sua cadeira emitiu um rangido grave.

— Demore o tempo que quiser.

Emma mudou a sua perspectiva da mulher mais velha, de potencial empregadora para leitora. Em tempos, Emma conseguia deduzir a preferência literária de qualquer pessoa em segundos, um sexto sentido que a guiava para a parte da alma que lhes faltava, uma lacuna que podia ser preenchida com a história perfeita.

Ela própria havia vivido com uma lacuna durante demasiado tempo. Com um abismo, na verdade. Naquele momento, ao tentar exercitar tal

habilidade anémica, a capacidade de discernir as preferências de um leitor parecia-lhe fraca. Em vez disso, observou a mulher à sua frente.

O peso do mundo parecia recair sobre os ombros quadrados da menina Bainbridge, mas, apesar da sua expressão severa, ela havia oferecido benevolência à futura recém-casada que se tinha despedido, apesar de tal a ter incomodado. Depois, havia a questão do seu estilo: intemporal, com o penteado simples e o seu vestido preto feito à medida.

A menina Bainbridge parecia ser do tipo de pessoa que preferia as reimpressões dos clássicos da Everyman's Library a um romance contemporâneo.

Antes que Emma pudesse duvidar da sua escolha, respondeu:

— *Jane Eyre*.

A menina Bainbridge pestanejou e estreitou os olhos cinzentos.

— Porque é que sugeriu esse livro?

— A senhora parece ser do tipo pragmático — respondeu Emma.

— Inteligente, mas também gentil. Afinal de contas, ainda estou aqui a falar consigo, apesar das minhas circunstâncias.

Um sorriso tomou conta dos lábios finos da menina Bainbridge.

— *Jane Eyre* é o meu livro preferido. Quão longe vive daqui?

A brusquidão da segunda pergunta foi chocante.

— Um pouco. Moro na Moorgate Street, em Radford.

A menina Bainbridge tocou no queixo com uma unha curta e bem arranjada.

— Isso é suficientemente longe... — murmurou para si própria.

— Desculpe? — Emma moveu-se para a beira da cadeira, sem querer perder uma única palavra.

— Estaria disposta a ser tratada por menina Taylor e a referir-se à sua filha como uma irmã, caso a vossa relação fosse questionada?

— Emma pestanejou, incrédula. Será que lhe estava mesmo a ser oferecido o emprego? — É rude perguntar, eu sei, mas está ciente das regras... — hesitou a menina Bainbridge.

— Sim — respondeu Emma, prontamente. — Quero dizer, sim, concordo com os termos. Por favor, eu preciso deste emprego.

As linhas visíveis no sobrolho da menina Bainbridge aprofundaram-se, e talvez ela estivesse a questionar a sua decisão. De qualquer modo, afirmou:

— Bem-vinda à Biblioteca dos Amantes de Livros da Boots, menina Taylor. — Deu ênfase à palavra *menina*. — Venha amanhã de manhã, às sete em ponto, preparada para o início da sua formação. Tenha em conta que o seu emprego estará dependente de passar nos exames necessários.

A advertência não fez nada para diminuir o ânimo de Emma. Afinal de contas, ela sempre tinha tido excelentes notas na escola.

— Não a vou desiludir.



Quando Emma saiu da Boots, a chuva tinha parado, deixando a ameaça de mais precipitação no ar pesado da humidade. Apressou-se a percorrer a distância até ao prédio na Moorgate Street e abriu a porta do seu apartamento no segundo andar.

Olivia estava exactamente onde Emma a deixara, sentada à mesa da sala de jantar, com uma série de lápis de cor e de obras-primas que iam desde as flores do jardim da frente até aos desenhos alegres de *Tubby*, o pequeno cão branco da senhoria. A sandes que Emma tinha feito antes de partir já havia sido comida, e o prato cheio de migalhas estava ao lado dos desenhos da filha.

— Mãe. — Olivia saltou da cadeira e correu na direcção de Emma, lançando os braços à volta da sua cintura num enorme abraço. — Estive tanto tempo fora.

Emma sentiu uma pontada de culpa. Ela *tinha* estado fora durante algum tempo.

No entanto, esse tempo não seria nada em comparação com o tempo que Olivia teria de passar sozinha em casa enquanto Emma estivesse a trabalhar. Pelo menos, durante este último mês de verão, antes de as aulas recomeçarem.

— Surgiu um imprevisto. — Emma afagou o cabelo sedoso de Olivia para trás, à medida que a filha começava a seleccionar os desenhos.

Ela mostrou-os um por um à mãe, tendo o cuidado de apontar cada pormenor.

— Ainda tens fome? — perguntou Emma, depois de ter elogiado minuciosamente a coleção de obras-primas, plenamente consciente de que a hora do almoço já tinha passado há muito.

Olivia fez que sim com a cabeça e pôs os seus desenhos de lado.

Emma foi para a cozinha fazer sandes para as duas.

— Como foi o dia de hoje, sozinha?

Olivia sentou-se num banco junto à bancada da cozinha e encolheu os ombros estreitos.

— Não foi tão divertido como quando estás cá.

Emma concentrou-se nas sandes para que Olivia não visse o remorso na sua expressão. Infelizmente, este emprego era necessário, uma dádiva de Deus pela qual Emma sabia que devia estar grata. No entanto, odiava o facto de ficar longe de casa.

— Olive. — Tentou manter o tom leve, referindo-se à filha pela alcunha que usava quando ela era pequena. — Tenho novidades.

Olivia observou-a com os seus olhos azuis arregalados. Tão parecidos com os de Emma. Uma réplica perfeita, teria dito o papá.

— Tive uma entrevista para um lugar na Boots — comentou, depositando a sandes à frente da filha.

— Na farmácia?

Emma acenou com a cabeça e começou a preparar a sua própria sandes.

— Vou trabalhar na biblioteca de lá.

Olivia ficou em silêncio por um longo momento.

— Quando?

— A partir de amanhã. Vou estar lá durante a semana, com os fins de semana livres.

Ter duas folgas semanais era deveras um benefício, um que muitos empregadores não ofereciam. Mais um aspeto do trabalho pelo qual devia estar grata. Como Olivia não respondeu, Emma ergueu o olhar e encontrou a cabeça da filha inclinada sobre o prato.

— Olivia?

Mas ela continuou a fitar o prato. Era o que sempre fazia quando se deparava com notícias que não queria ouvir. Não fazia birras, como as outras crianças, nem se queixava da injustiça da vida. Não, ela baixava a cabeça e, sozinha, processava o que sentia e aquilo em que pensava. Escondendo qualquer opinião ou preocupação de Emma.

— Eu sei que estás chateada — começou Emma.

Olivia levantou a cabeça.

— Ainda podemos ir ao cinema no sábado?

Emma pôs uma mão na anca.

— Eu perderia uma ida ao cinema contigo?

Os filmes infantis da manhã eram vendidos a um preço reduzido, permitindo que se tornassem um luxo acessível e uma tradição que Emma tinha começado quando as suas poupanças lhe pareciam ilimitadas. Com este emprego, poderiam continuar a ir ao cinema aos sábados.

A filha abriu um sorriso, mostrando o espaço entre dentes provocado pela queda recente do canino esquerdo.

— Vou-me embora antes de acordares de manhã e regresso à tarde — disse Emma. — E quando as aulas recomeçarem, estarei em casa cerca de uma hora depois de ti. Duvido que sintas a minha falta.

Olivia bufou.

— Sinto sempre a tua falta quando estás fora.

Lá estava a culpa outra vez. Uma onda de calor no estômago de Emma.

Ainda bem que tinham feito atividades juntas naquele verão: apinhar o autocarro até Forest Park para comerem gelado à sombra dos vários olmos e carvalhos, ir a Highfields Lido para nadar na água gelada que era bombeada pelo lago e comer sandes de compota quentes na relva, ou ver as mercadorias dos vendedores enquanto passeavam pela calçada de Market Square.

— Ter este emprego significa mais idas ao cinema. — Emma piscou o olho. — E, este fim de semana, acho que devíamos comprar-te uns sapatos novos.

— Sim, sim! — Olivia pressionou a língua sobre os dentes, deixando o ar sibilar pela abertura no seu sorriso.

Emma riu-se e afagou o cabelo da filha.

— O que hei de fazer contigo?

Olivia sorriu para ela.

— Levares-me a comer um gelado?

— Numa quarta-feira?

Olivia franziu a testa.

E conseguiu exatamente o que queria.

Na manhã seguinte, Emma acordou numa pilha de nervos. Olivia dormia profundamente enquanto Emma preparava o almoço para a filha, guardando-o na despensa com um bilhete.

A ideia de Olivia ficar sozinha em casa durante tanto tempo não lhe agradava, mas Emma não tinha grande escolha. Sem família em Nottingham e sem amigos próximos, não havia ninguém a quem pedir auxílio. Não que Emma fosse do género de pedir ajuda.

Antes de se ir embora, entrou uma última vez no quarto que partilhavam e beijou a testa quente da filha.

Os olhos de Olivia abriram-se contra a luz vinda da cozinha.

— Vais-te embora?

— Sim, mas fiz-te o almoço. Não te esqueças de abrir as cortinas quando acordares.

Olivia assentiu.

— E se houver outro ataque aéreo?

Emma tinha ficado preocupada com a mesma coisa.

— O último foi apenas um teste.

Inglaterra estava à beira da guerra. Por mais que ela quisesse ignorar o conflito iminente, a sua breve chegada era notória na excitação palpável dos homens que se preparavam para se alistarem no exército, nos abrigos que estavam a ser construídos à pressa pela cidade e nos cartazes espalhados por todo o lado a apelar aos voluntários e à segurança.

E na carta que recebera no mês anterior.

Não. Ela não ia pensar no assunto.

Em vez disso, afastou o cabelo castanho-chocolate do rosto da filha e deu-lhe outro beijo na testa.

— Na altura, publicaram as horas dos testes de ataque aéreo no jornal, lembras-te? — perguntou Emma. — Não havia qualquer menção ao dia de hoje.

A tensão esvaiu-se do rosto de Olivia e ela anuiu.

— Amo-te, Olive.

— Também te amo, mãe.

Focando-se naquelas doces palavras, Emma saiu do apartamento, certificando-se de que trancava a porta atrás de si antes de se dirigir à Biblioteca dos Amantes de Livros para o seu primeiro dia.

Chegou quinze minutos mais cedo, com a marca a verdete deixada pelo anel, que, entretanto, tirara, tapada com um resto de pó para o rosto de um velho estojo que tinha há anos, da altura em que ela se maquilhava para os jantares de trabalho de Arthur.

A menina Bainbridge recebeu-a com uma chávena de chocolate quente.

— A Sra. Boot já se reformou há muito tempo, mas continua a gostar que todas as suas meninas recebam uma chávena de chocolate quente ou chá todas as manhãs, bem como o almoço todas as tardes. Nem todos podem pagar as duas coisas, e ela não quer que as suas meninas passem fome.

De uma forma imediata, Emma calculou as poupanças que tal generosidade lhe proporcionaria. Isto significava que o seu salário lhe duraria ainda mais tempo. Era uma forma de acelerar o processo de encher a sua caixa de dinheiro cada vez mais escassa.

Alheia aos cálculos mentais de Emma, a menina Bainbridge continuou.

— Enquanto estiver em formação, terá de tirar o pó aos livros todas as manhãs e depois assistir às aulas ao longo do dia, até ser aprovada. Hoje será o curso de Compreensão do Comércio Editorial, bem como o de Conhecimento de Bestsellers.

Acenou com os dedos numa indicação silenciosa para que Emma a seguisse e conduziu-a para a Biblioteca dos Amantes de Livros.

Qualquer característica que pudesse remeter para uma farmácia desaparecera, tal como a fachada da boutique e as prateleiras de presentes disponíveis para compra, e até o café por detrás delas. Com grandes vitrais que davam para a rua, tapetes felpudos debaixo dos pés e o aroma persistente a flores frescas que emanava das elegantes jarras de vidro espalhadas pelo espaço aberto, a biblioteca transportava os subscritores para um local de conforto acolhedor.

Depois, claro, havia os livros. Prateleiras limpas, arrumadas na perfeição, imaculadas do ponto de vista de Emma, cada lombada contando com um pequeno ilhó no topo, utilizado para se prender o distintivo de um subscritor.

Era a primeira vez que Emma entrava numa biblioteca ou livraria desde a morte do pai. O cheiro familiar atingiu-a como um murro no estômago.

Aquela fragrância evocativa dos livros, do papel e da tinta, do pó, do couro e das encadernações em tecido. Outrora, esse cheiro tinha sido o seu mundo. Era um pedaço do passado que ela tinha afastado, com a intenção de o deixar adormecido.

Agora, começava a despertar, trazendo uma nota de excitação e um desejo de correr os dedos pela fileira de lombadas que a surpreendeu.

Sem se aperceber das emoções complexas que se manifestavam na sua mais recente empregada, a menina Bainbridge dirigiu-se a uma das duas bonitas secretárias de madeira da sala, a que tinha «Classe B» escrito num letreiro, e retirou um espanador de penas de um armário por baixo. Entregou-o a Emma.

Entrou uma loira bonita, ostentando a sua juventude e confiança como se fosse um casaco de vison.

— Ah, menina Ivory, venha conhecer a nossa mais recente bibliotecária, a menina Taylor. — A menina Bainbridge fez um sinal para que a mulher se aproximasse.

Esta dirigiu-se a elas, com os lábios vermelhos a formarem um sorriso à medida que caminhava. Um pequeno anel de noivado com um diamante brilhava na sua mão esquerda.

— É um prazer conhecê-la, menina Taylor. Bem-vinda ao melhor emprego de toda a Inglaterra.



— A menina Avory gosta tanto da sua posição aqui que está noiva há um ano e meio. — O olhar da menina Bainbridge estreitou-se em pensamento. — É capaz de ser um recorde.

— Nós costumamos ter noivados notoriamente longos aqui na Biblioteca dos Amantes de Livros — acrescentou a menina Avory, num tom conspiratório. — O amor pelos livros, ou o amor por um homem... — Virou as palmas das mãos para cima e, alternadamente, levantou-as e baixou-as, como se os seus braços fossem uma balança. Depois, soltou uma gargalhada sem remorsos.

— Pode ser uma querida e mostrar-lhe o espaço? — perguntou a menina Bainbridge à menina Avory.

— Claro — respondeu ela, mesmo a menina Bainbridge já se estando a afastar com passos curtos. — Toda ela é um poço de eficiência — alertou a menina Avory. — Mas é mesmo muito amável.

Emma assentiu, bem ciente de como a menina Bainbridge era capaz de ser muito generosa.

A menina Avory tirou pó compacto e um tubo de batom da bolsa e passou um pouco de vermelho intenso nos lábios, retocando o batom que ainda não tinha qualquer falha. Na verdade, não havia nada na menina Avory que não fosse perfeito, desde a boca em forma de coração até às maçãs do rosto altas e ao cabelo loiro brilhante, apanhado atrás num rolo elegante.

Maquilhagem nunca tinha sido algo que agradasse Emma. Nem moda. Talvez fosse uma consequência de crescer sem mãe, mas o ato de estar sempre a retocar o batom parecia-lhe muito demorado e cansativo.

Ainda assim, não queria perder uma oportunidade de se relacionar com uma colega de trabalho, não como tinha perdido tantas oportunidades de fazer amigos na escola.

— É uma cor muito bonita, menina Avory. — Emma esperava que o elogio soasse menos estranho do que lhe parecia.

— Chama-se Firefly. — Fechou o seu estojo. — É da nossa coleção da N.º 7. Acabei de reencher o meu tubo de batom e gosto mesmo muito da cor.

Emma acenou com a cabeça, sabendo muito pouco sobre a linha de cosméticos da N° 7 que a Boots anunciava com frequência. Embora pretendesse oferecer um produto de luxo a um preço acessível para a classe média, Emma não conseguia imaginar gastar dinheiro com frivolidades.

— E trata-me por Margaret. — Enfiou a bolsa debaixo do balcão. — Vou mostrar-te por onde se começa. Toma nota da localização dos livros enquanto estiveres a limpar o pó, para saberes onde deves colocá-los mais tarde. — Fez uma pausa junto a uma jarra para rearranjar os caules grossos de várias dalias, antes de acenar com a cabeça em sinal de satisfação e levar Emma para as estantes mais afastadas.

Quando foi, por fim, dispensada do trabalho nessa tarde, poupou o dinheiro para o bilhete de autocarro, de modo a chegar a casa o mais depressa possível. O frenesim da visita à biblioteca e uma ladainha de manuais e pastas de formação tinham-lhe preenchido o dia. Embora ocupada, os seus pensamentos mantiveram-se em Olivia. A filha já tinha estado sozinha antes, claro. Mas não durante um dia inteiro. Não desta forma.

Com o coração acelerado, Emma entrou a correr no prédio. Mal chegou às escadas, a porta da senhoria abriu-se. A mulher mais velha apoiou a perna na ombreira enquanto a voltava a fechar, numa tentativa de impedir que o seu cãozinho branco se esgueirasse.

Emma cumprimentou a Sra. Pickering com alegria, ao mesmo tempo que desejava secretamente que a idosa não quisesse conversar. A senhoria também era viúva, e Emma deduzia que fosse bastante solitária.

A probabilidade de serem a amiga mais próxima uma da outra era muito alta. No caso da Sra. Pickering, era porque pouco mais fazia do que ir à mercearia ou passear o cão. Já Emma estava demasiado focada na sua vida com Olivia.

— Não gosto nada de passar dos limites, mas não pude deixar de reparar... — A Sra. Pickering pressionou os lábios um contra o outro,

como se estivesse a tentar alinhar as palavras na sua mente. — Saiu muito cedo esta manhã e está a chegar a casa bastante tarde.

Emma inclinou a cabeça, sem saber como responder a tamanho escrutínio das suas idas e vindas.

— E a sua filha... — A Sra. Pickering sorriu em jeito de desculpa. — Bem, ela está aqui. No meu apartamento.

— Tem a Olivia consigo? — Emma ficou alarmada, enquanto a sua mente passava um carrossel de tudo de mal que podia ter acontecido por ela ter deixado a filha sozinha em casa.

— **P**orque é que tem aí a minha filha? — perguntou Emma, mal escondendo o medo que se infiltrou no seu tom.

— Fiquei preocupada por a senhora estar ausente durante tanto tempo. — Com a sobrancelha franzida, a Sra. Pickering pôs-se a examinar uma pequena fenda no canto de um mosaico. — Com a guerra tão próxima, pensei que a Olivia pudesse estar assustada e ofereci-me para a deixar vir cá abaixo brincar com o *Tubby*. — Qualquer que fosse a inquietação na sua expressão, transformou-se num sorriso que pôs os olhos azul-pálidos da mulher a brilhar. — Os dois tiveram um dia em cheio, a brincar no jardim. Depois, ficaram ambos estafados. A Olivia está agora a dormir no meu sofá, e, até você ter entrado pela porta, o *Tubby* estava deitado mesmo ao lado dela. Estavam lindos, aqueles dois. — A Sra. Pickering riu-se baixinho, para si própria.

Talvez Emma devesse ter ficado aborrecida com a interferência da Sra. Pickering, mas a ideia de Olivia a brincar com *Tubby*, em vez de ficar sozinha no apartamento o dia todo, aliviava um pouco a sua culpa por ter de se ausentar.

— Arranjei um trabalho — confessou Emma. — Na Biblioteca dos Amantes de Livros da Boots, em Pelham. Hoje foi o meu primeiro dia.

A alegria dissolveu-se do rosto da Sra. Pickering.

— Por causa da renda?

As faces de Emma enrubesceram.

— Como?

A Sra. Pickering entrelaçou as mãos à sua frente, com um ar preocupado.

— A renda é demasiado alta?

Era. E não era.

O valor era muito baixo quando comparado com o que a maioria dos senhorios cobrava por metade do espaço e com uma casa de banho partilhada por todo o prédio. No entanto, mesmo esse custo mínimo desgastava as poupanças de Emma, que não tinham forma de crescer.

Contudo, a mera ideia de a Sra. Pickering assumir que ela não podia pagar a renda era insuportável.

— De modo algum — exclamou Emma, através da sua latente humilhação. — A oportunidade de emprego caiu do céu e a escola vai recomençar em breve, então eu sabia que teria algum tempo livre.

A mentira deixou-lhe um sabor amargo na língua, mas a verdade teria sido muito mais cáustica.

A Sra. Pickering convidou Emma a entrar no seu apartamento. Desta vez, *Tubby* não estava a tentar passar pela abertura que se alargava na porta, mas sim no sofá, aninhado ao lado de uma Olivia adormecida, com as bochechas coradas e a boca aberta. A sala de estar da Sra. Pickering era encantadora, com mobiliário de mogno polido e duas cadeiras de veludo cor de ameixa ao lado de uma estante repleta de livros. A casota de *Tubby*, apropriada para animais de estimação e resistente ao gás, estava ao lado da caixa da máscara de gás da Sra. Pickering. Toda a sala se encontrava perfumada pela delicada fragrância de rosas que Emma tanto associava à sua senhoria.

Um sorriso aflorou-se-lhe nos lábios. Há anos que Olivia não dormia a sesta. Mas lá está, ela também nunca fora de brincar ao ar livre durante tanto tempo, como havia feito com *Tubby*. Nunca tinha formado uma relação próxima o suficiente com os colegas da escola para se juntarem em brincadeiras no exterior. Aliás, foi a frequência da escola que a tornou mais contida. Pouco depois do início das aulas, Olivia deixou de desfrutar do que a fazia sentir uma felicidade inocente e despreocupada, tornando-se mais reservada quando pisava

para lá das quatro paredes de casa. Também as suas notas refletiam essa mesma insatisfação com as aulas, mas, bom, não se podia simplesmente faltar à escola.

Emma seguiu a Sra. Pickering até à sua alegre cozinha, com os armários e eletrodomésticos totalmente brancos, realçados por um papel de parede cor-de-rosa que combinava com as cortinas da divisão. A cozinha do apartamento de Emma era quase idêntica, embora as paredes do seu andar fossem de um amarelo amanteigado com um acabamento verde, uma combinação que a recordava de puré de ervilhas. E não estava tão bem equipada no que dizia respeito a eletrodomésticos.

A Sra. Pickering encheu a chaleira.

— Chá?

— Por favor.

— Penso que ainda faltam cerca de duas semanas até a Olivia regressar à escola. — A Sra. Pickering falava enquanto se movia pela cozinha. — Quantos dias por semana vai trabalhar?

As faces de Emma voltaram a ficar quentes e ela sabia que a mancha da culpa que sentia estava gravada a vermelho na sua tez clara.

— Cinco dias. Estou de folga aos fins de semana.

— Posso tomar conta dela, se quiser. — A Sra. Pickering dirigiu-se a uma prateleira e de lá tirou duas chávenas de porcelana fina, pintadas com um motivo de rosas semelhante ao do papel de parede.

Emma recusou a oferta com um gesto.

— Não é necessário.

Afinal de contas, ela e Olivia tinham sobrevivido estes sete anos sozinhas. E o papá nunca precisara de ajuda para cuidar de Emma. Tinham sido uma equipa, tal como ela e Olivia eram agora.

As duas contra o mundo.

— Ter a Olivia aqui seria um grande favor que me faria — afirmou a Sra. Pickering, virando-se para Emma. — O malandro do *Tubby* tem mais energia do que aquela que eu consigo aguentar. Nunca o vi tão feliz como hoje, enquanto brincava com a sua Olivia. E ela seria uma ótima companhia para uma mulher idosa.



Antes que Emma pudesse responder, a Sra. Pickering levantou uma mão para a impedir de protestar.

— Não precisa de responder agora. Pense no assunto.

Na manhã seguinte, ao sair do apartamento, Emma escreveu uma nota para Olivia, dizendo-lhe que podia ir a casa da Sra. Pickering, se quisesse. A decisão devia caber a Olivia. Afinal, ela era a pessoa mais afetada.

A formação na Biblioteca dos Amantes de Livros fora muito mais intensa do que Emma alguma vez poderia ter imaginado. O que ela pensava que demoraria apenas alguns dias, acabou por se transformar em duas semanas de instrução. Durante esse tempo, aprendeu a aconselhar corretamente os membros da Classe A, que pagavam para terem uma lista de recomendações direcionada aos seus gostos, a lidar com clientes potencialmente difíceis, os procedimentos para encomendar livros de outros locais e armazéns da Boots e muito, muito mais.

Todas as tardes, chegava a casa e encontrava Olivia no apartamento da Sra. Pickering, a brincar com *Tubby* no chão ou a saborear um pouco de limonada na cozinha, acompanhada por algo doce, acabado de sair do forno, e que deixava a elegante cozinha a cheirar ao paraíso dos pasteleiros.

Contudo, Emma nunca foi de aceitar nada sem oferecer algo em troca. Neste caso, a compra de um exemplar de *A Proteção da Sua Casa Contra Ataques Aéreos* custou-lhe um cêntimo. O manual de trinta e seis páginas continha uma ladainha de precauções a tomar para evitar danos no caso de um ataque.

— Acha que temos areia suficiente no chão? — A Sra. Pickering pressionou as mãos contra a parte inferior das costas e observou o sótão vazio, iluminado pela luz de um final de tarde de sexta-feira, apenas com uma pesada camada de areia a cobrir o chão.

Tinham passado os últimos dias a limpar o sótão de acordo com as instruções do manual, assim que Emma chegava a casa do trabalho. As caixas, os baús e os móveis sobressalentes ocupavam agora o apartamento da Sra. Pickering, desarrumando o espaço anteriormente arrumado.

Assim que o sótão estava despojado do seu inventário, derramaram uma camada de três centímetros de areia sobre o chão de madeira riscado. O manual tinha sugerido cinco centímetros, mas o aviso de «se o piso aguentar o peso» tinha-as feito hesitar.

Olivia ergueu a pequena pá com um sorriso.

— Posso acrescentar mais.

Ela tinha sido uma incrível fada da areia, correndo pelo apartamento fora enquanto polvilhava os grãos como se de pó mágico se tratasse. O comportamento jubiloso que exibia somente em casa, estendia-se agora a qualquer altura em que estivesse na presença da Sra. Pickering e de *Tubby*, um laço de confiança estreitado pelo tempo que passavam juntos.

— Pode ser arriscado colocar mais areia — advertiu Emma.

A Sra. Pickering cerrou os lábios e fitou-a com um ar preocupado.

— Acho que devemos deixar tudo como está. E, em qualquer caso, duvido que precisemos dessa precaução. Tenho a certeza de que nem sequer haverá uma guerra e que, ainda antes do Natal, voltaremos a carregar a secretária do Sr. Pickering aqui para cima.

Emma soltou um grunhido brincalhão, embora, na verdade, não estivesse ansiosa por carregar a pesada peça de mogno lá para cima, especialmente quando tirá-la quase a tinha matado.

A Sra. Pickering riu-se, um som seco e rouco.

— Ou talvez eu seja capaz de arranjar espaço para ela no meu apartamento. Um sítio permanente.

— Agora já podemos ir beber limonada? — perguntou Olivia, esperançosa.

Embora a Sra. Pickering não devesse nada a Emma pela sua ajuda, tinha prometido limonada gelada depois de cada dia de trabalho. A tarefa mais difícil tinha sido a de esvaziar o depósito de carvão por baixo das escadas para o transformar num refúgio. O trabalho imundo tinha deixado uma fina camada de terra negra por todo o lado. Emma ainda encontrava manchas escuras pelo apartamento. Um bom revestimento de tinta de cal ajudou a dar um aspeto mais limpo ao antigo depósito de carvão, mas não era uma tarefa que Emma tivesse interesse em repetir.

Ao menos, o espaço serviria de abrigo improvisado numa situação de emergência. Caso a guerra chegasse.

Ou, de acordo com a urgência do Governo nos preparativos, *quando* a guerra chegasse.

Os braços de Emma estavam arrepiados, apesar do calor sufocante do sótão.

— Agora, vamos beber limonada. — A Sra. Pickering passou uma mão sobre o cabelo grisalho, sacudindo os grãos de areia. — Deixe um dos baldes. Precisamos de ter areia em todos os pisos, por precaução.

Não acrescentou o motivo, mas tanto ela como Emma perceberam o porquê depois de terem lido o manual de uma ponta à outra. No caso de um bombardeamento, haveria tantos necessitados, que os serviços de salvamento já de si limitados ficariam sobrecarregados. Os habitantes de Nottingham tinham de estar preparados para combater os seus próprios incêndios. Literalmente.

A possibilidade era aterradora, mas tinham de estar preparados para a enfrentar.

Ao descer as escadas do prédio, a Sra. Pickering fez uma pausa no terceiro andar e colocou um balde de areia à porta do Sr. Sanderson. Não que o inquilino tivesse feito alguma coisa para as ajudar nos seus esforços.

Quando se viraram para continuar a descer, a porta do Sr. Sanderson abriu-se. O homem usou a ponta do seu velho chinelo castanho para dar um toque no balde pesado.

— O que é isto?

— Areia para apagar as chamas, caso seja preciso — respondeu a Sra. Pickering, com toda a naturalidade.

O Sr. Sanderson escarneceu, deixando o rosto muito marcado sob o seu escasso cabelo grisalho.

— De nada servirá se uma bomba nos atingir em cheio.

— A probabilidade de isso acontecer é muito reduzida — apressou-se a responder Emma, lançando um sorriso tranquilizador a Olivia, que sorriu de volta, cheia de confiança infantil.

O Sr. Sanderson olhou de relance para Olivia e coçou a cabeça, mesmo no sítio onde a pele rosada e brilhante do couro cabeludo se deixava ver sob uma auréola de cabelo fino.

No momento em que ele abria a boca para proferir alguma outra injúria irrefletida, a Sra. Pickering acrescentou:

— Devo recordar-lhe que este edifício me pertence e que gostaria de assegurar a proteção do meu investimento.

Com isso, o Sr. Sanderson grunhiu e fechou-lhes a porta na cara.

A Sra. Pickering revirou os olhos e conduziu-as escadas abaixo até ao seu apartamento. O espaço, habitualmente arrumado, estava montado num espetáculo digno de ser visto, agora mais parecido com um sótão do que com a casa elegante que fora até há uns dias. Apesar de constituir um alto risco de incêndio, *Tubby* gostava da desordem como se de um parque de diversões se tratasse, e corria com entusiasmo em torno das abundantes pernas das cadeiras e por cima das pilhas de caixas.

Olivia deixou-se cair de joelhos e arrastou-se atrás do cão.

— O que tenciona fazer com tudo isto? — perguntou Emma, enquanto seguia a Sra. Pickering até à cozinha.

A secretária do falecido Sr. Pickering encontrava-se encostada à mesa de jantar como um apêndice deslocado, e várias caixas com a inscrição «Harold Pickering», em letras garrafais, cobriam a superfície da secretária.

— Não faço a mínima ideia. — A senhoria contornou a secretária com facilidade, como se esta lhe bloqueasse grande parte da cozinha desde sempre, e abriu a despensa.

— Quer ajuda para ver tudo? — ofereceu Emma.

— Confesso que nem sei por onde começar. — A Sra. Pickering respondeu-lhe, por detrás da porta, antes de aparecer com um jarro de limonada amarelada. — A maioria é lixo, mas não consigo livrar-me de nada. Como os velhos chinelos que ele usava todos os dias, arrastando os pés pela casa. Eu estava sempre a pedir-lhe que os levantasse bem quando andava. Mas agora que ele se foi, daria tudo para voltar a ouvir aquele caminhar preguiçoso pelo chão.

O seu casamento com o Sr. Pickering tinha durado uns bons trinta anos, mas ele já partira há mais de uma década. Ela vendera a bela casa em que viviam, optando por permanecer no prédio que ele comprara no início do casamento como um investimento. Emma suspeitava que a mudança de residência tivesse tudo que ver com o facto de se conseguir afastar da solidão. Sem dúvida que o ato de vasculhar as caixas seria difícil e doloroso para a Sra. Pickering.

— Se precisar de ajuda, estou sempre aqui — propôs Emma, uma última vez.

— Obrigada, querida. — A Sra. Pickering serviu um copo de limonada e Olivia veio a correr como se tivesse sido convocada pelo som do líquido a salpicar o vidro. O seu súbito aparecimento foi um bom lembrete daquela velha expressão inglesa que diz que os jarros pequenos têm orelhas grandes.

— Porque não levas o *Tubby* e bebes a tua limonada lá fora, Olivia? — sugeriu a Sra. Pickering, obviamente com o mesmo pensamento.

Com cuidado, Olivia carregou o copo com uma mão e agarrou numa pequena bola vermelha com a outra. *Tubby* saltou para o ar numa acrobacia eufórica.

Quando a porta se fechou, a Sra. Pickering ligou o rádio. Não gostava de ouvir a transmissão quando Olivia estava por perto, para o caso de aparecerem notícias terríveis sobre a guerra.

Notícias exatamente como as que escutavam naquele momento. Horrorizadas, ouviram através do crepitar da estática o locutor declarar que a Alemanha tinha atacado a Polónia, bombardeando cidades e vilas.

— Aqueles pobres coitados — sussurrou a Sra. Pickering.

Sim, de facto, aqueles pobres coitados. Ter-se-iam preparado para os bombardeamentos tal como Emma e a Sra. Pickering, fazendo-o por dever, sem nunca esperar que os seus esforços fossem verdadeiramente postos à prova?

E com um aliado tão brutalmente atacado, o que significaria isto para Inglaterra?



Um romance poderoso sobre a importância dos livros durante a escuridão dos tempos de guerra.

### Inglaterra, 1939.

Tendo perdido o marido recentemente, Emma Taylor procura um emprego que a sustente e à filha, Olivia. Na cidade de Nottingham onde vivem, contudo, estão em vigor múltiplas restrições que impedem mães viúvas de serem contratadas por qualquer estabelecimento. Assim, só lhe resta uma opção: persuadir a diretora da biblioteca da Boots a dar-lhe trabalho.

Quando a guerra ameaça atingir Inglaterra, Olivia tem de ser deslocada para o campo, tal como milhares de crianças. Vendo-se obrigada a separar-se da filha, Emma procura consolo nas amizades improváveis que estabelece com os seus vizinhos e colegas, bem como na missão de recomendar livros aos peculiares clientes da biblioteca.

Com o *Blitz* a intensificar-se em Nottingham, e fazendo tudo ao seu alcance para se reunir com a filha, resta a Emma tentar apoiar-se na sua comunidade e na esperança que a literatura transmite mesmo nos tempos mais sombrios.

«Um romance histórico comovente e cuidado onde Madeline Martin explora as marcas deixadas pela Segunda Guerra Mundial numa mãe e filha inglesas... Com autenticidade, Martin descreve o terror da guerra, bem como os inúmeros sacrifícios de tantos, e a maneira como tal inspirou uma profunda resiliência no espírito humano.»

### Shelf Awareness

Leia também:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-541-6



9 789895 835416